

# CONSCIÊNCIA CORPORAL: O QUE É?<sup>1</sup>

**Mariana Garcia MARQUES**

Doutoranda em Artes Cênicas (UFBA). Mestre em Artes Cênicas (UFBA).

Professora da Escola de Teatro e Dança da UFPA (ETDUFPA).

E-mail: lila2007@uol.com.br

Para clarear o entendimento sobre este assunto, recorri primeiramente ao dicionário Houaiss (2001, p. 103), que nos dá o significado de consciência como sendo: “estágio da vida mental percebido pelo indivíduo”, “conhecimento”, “discernimento”, “estado de quem pode responder por seus atos” “autoconhecimento-consciencioso”. Corporal ou corpóreo significa: “próprio do corpo físico”, “material - corporalidade”. (*Ibid*, p. 112).

Para Melo (1997a), consciência corporal emerge como nível mais complexo e mais refinado na organização da noção do corpo. Segundo o autor, a consciência corporal é o meio mais refinado de se fazer a interação do homem. Nesse sentido, Bertherat afirma:

Nosso corpo somos nós. É a nossa única realidade perceptível. Não opõe à nossa inteligência, sentimento, alma. Ele inclui e dá-lhe abrigo. Por isso, tomar consciência do próprio corpo é ter acesso ao ser inteiro... pois, corpo, espírito, psíquico e físico e até a força e fraqueza, representam não a dualidade do ser mais sua unidade. (*apud* MELO 1997a, p. 19)

Esses autores sugerem que a consciência corporal seja entendida como um processo de interação entre todos os aspectos implícitos no trabalho a ser desenvolvido com o corpo. Para Lê Boulch (1983), esses aspectos consistem em coordenação óculo-manual, coordenação dinâmica geral, lateralidade, interiorização, segmentos corporais, percepção-temporal, percepção-espacial. Em minha pesquisa, esses aspectos, frutos da psicocinética, podem ser observados no aprendizado da dança na infância.

Melo (1997a) informa que, grande foi o interesse pelos estudos da noção do corpo por psicólogos, neurologistas, psiquiatras. Isso fez com que fossem criando nomenclaturas diferentes, mas que, na realidade, podem ser unificadas num mesmo propósito de descobrir os componentes implícitos no desenvolvimento da consciência corporal. Daí o alerta, nos seus estudos, sobre a consciência corporal, nos quais fala dos variados equívocos, em questão de nomenclaturas, como: imagem do corpo, somatognosia, esquema corporal, imagem corporal, esquema corporal, entre outros.

Para esta pesquisa, interessa compreender o significado de duas dessas terminologias: esquema corporal e imagem corporal. Visando um melhor entendimento desses dois termos cito:

Esquema corporal (é) um termo utilizado por Head apud Gruspun (1983) decorrente de estudos que levaram a localizar o mecanismo da formação da imagem corpo, no sistema nervoso central, [enquanto a] imagem corporal de Schilder (1980) [acrescenta] aos dados neurológicos e fisiológicos de Head e Pick, apud Coste (1981) os dados da psicologia e as experiências de ordem psicanalítica num estudo global do corpo, concebido como uma entidade psicológica e fisiológica indissociável.

Fortemente ligado ao termo esquema corporal são os estudos de ordem neurológica, nos quais se observou que os estímulos interoceptivos e proprioceptivos fornecem dados que possibilitam ao indivíduo ter um modelo e um esquema de seu próprio corpo.

Informação nesse sentido são apresentadas por Head apud Condemarim et al (1986), em seus trabalhos sobre a noção de esquema corporal e por Wallon (1979), que admite a existência de um “sistema perceptivo normal”, em que havendo alguma lesão cerebral, ocorreriam perturbações no modelo.

Para Schilder (1980) a noção de esquema corporal traduz um processo psicofisiológico, que tem origem nos dados sensoriais que são enviados e fornecidos pelas estruturas motoras, resultantes do movimento realizado pelo sujeito. Enquanto a imagem corporal segundo Gruspun (1983), se completa em uma experiência psicológica que coloca em foco as reações e as atitudes do indivíduo frente ao seu próprio corpo e realizam uma integração de experiência do indivíduo,

frente ao mundo material e psicológico que o rodeia significando, para Condemarin et al, (1986), a imagem corporal revelada “a experiência subjetiva da percepção de seu próprio corpo e de seus sentimentos com respeito a ele”. Essa maleabilidade da imagem corporal pode ser exemplificada pelo corte de cabelo, retirada de barba, amputação de um membro de nosso corpo, mudança de roupa, cirurgia plástica, entre outros aspectos que alteram nossos sentimentos em relação ao nosso próprio corpo e, conseqüentemente, mudam a nossa imagem corporal. (MELO, 1997 a, p. 18).

Para Melo (1997a), os autores citados sugerem que devemos entender o esquema corporal como o regulador de nossas ações. Essa regulação revela o dinamismo da ação corporal, indicando sua flexibilidade mediante as transformações do corpo e da relação desse corpo com o meio. Se o esquema corporal é flexível, mutável, então, também sua imagem o é, podendo isso ocorrer a cada momento (MELO, 1997 a). Ao “encolher ou se expandir, (esquema corporal e sua conseqüente imagem) pode dar suas partes para o seu mundo externo ou se apoderar de parte dele” (Schilder *apud* MELO, 1997 a, p. 18).

As transformações do corpo são configuradas, no plano da percepção, por meio das imagens desse corpo, projetadas pelo indivíduo de diversas formas, sendo a dança um exemplo físico. A dança colabora com a consciência corporal dos alunos, pois o aluno tomará conhecimento não só de suas raízes fisiológicas, mas também da relação sujeito/mundo (MELO, 1997a, p. 19), supondo que esse saber o acompanhará durante toda sua vida.

O discutido acima, pelos autores citados por Melo (1997a, p. 18), veio esclarecer e ajudou a decidir sobre a nomenclatura que eu deveria escolher para empregar em minha pesquisa. Escolhi “esquema corporal” e imagem corporal, por pensar que esses termos são os que melhor se colocam no tema consciência corporal. Com esta escolha, favoreço-me dos conceitos de Schilder, Gruspun, Lê Boulch e Piaget,

como os quais, esboço minha concordância no sentido de entendimento do que seja o esquema corporal. Para celebrar esse entendimento uso as palavras de Lê Boulch (1983, p. 37).

O esquema corporal ou imagem corporal pode ser considerado como uma intuição de conjunto ou de um conhecimento imediato que temos do nosso corpo em posição estática ou em movimento, na relação de suas diferentes partes entre si, sobretudo nas relações com o espaço e os objetos que nos circundam.

Para conciliar melhor este estudo e dar melhor entendimento do que seja a consciência corporal, optei, ainda, pela abordagem fenomenológica, que foi um dos estudos feito por Melo (1997b), denominado, por ele, de seu terceiro caminho sobre a noção do corpo. O autor afirma que “a noção do corpo nesta abordagem é entendida a partir de reflexões inerentes à presença do sujeito no mundo e às relações entre ambas estabelecidas” (MELO, 1997b, p. 3). O corpo-objeto, neste momento ou desta forma, é abandonado, lançando-se olhares para um corpo que é “o centro das percepções e um agente que no mundo se envolve” (Ibid, p. 3).

Melo alerta que o assunto sobre a gênese da consciência corporal é bastante discutido, principalmente, devido à sua complexidade. É nesse momento que ele aponta o foco desta discussão de autores, dentre os quais destaco Piaget (1980), e Lê Boulch (1983).

Piaget (apud MELO, 1997a, p. 20) afirma que a criança evolui por estágios, começando pelo nascimento, com respostas sensório-motoras simples, congênitas e culminando na adolescência, num modo de funcionamento maduro, como se segue: sensório motor (de 0 até 2 anos de idade); pré-operatório (até 7 anos de idade); operações concretas (até 11 anos de idade) e de operações formais (até a idade adulta).

A esse respeito, Lê Boulch (apud MELO, 1997a) estabelece as etapas, a saber: do corpo submisso (de 0 a 2 anos de idade); do corpo vivido (até 3 anos de idade); do corpo descoberto (até 7 anos de idade) e do corpo representado (até 12 anos de idade). Ele explica que a criança evolui por etapas e que, cada uma dessas etapas relacionadas, vão sendo aprimoradas e ampliadas no que diz respeito à construção de esquemas e que, uma vez integrados, esses esquemas estruturam a consciência corporal da criança. Ainda segundo Melo (1997a), Lê Boulch entende que seja de grande importância para o desenvolvimento da criança, as pessoas que a rodeiam, pois o conhecimento do mundo exterior e de seu próprio mundo se desenvolve por meio dessa relação.

Pelo exposto, é possível perceber que Piaget e Lê Boulch consideram que a consciência corporal é adquirida, fragmentariamente, a começar pelo ato de mamar. Melo (1997a, p. 22) amplia esse entendimento quando reitera o pensamento de Ajuriaguerra:

Nesse sentido vivendo inicialmente seus diversos fragmentos como totalidades a criança será mais tarde capaz de descobrir que essas diversas partes correspondem a uma totalidade que é seu corpo. Com a evolução maturativa da percepção e a evolução cognitiva, a criança adquirirá uma consciência do próprio corpo.

Portanto, o ato de mamar, andar e falar constitui a estrutura do desenvolvimento da consciência corporal. Quando decidi por este estudo, por meio da dança, foi porque a dança tem a missão de desenvolver o conhecimento do corpo pela sensibilidade, partindo do fato de que a criança sente um enorme prazer em se movimentar. Isto faz com ela investigue o mundo ao seu redor, explore objetos e aprenda sobre o meio ambiente. Quando se movimenta, percebe numerosas

direções do espaço em volta de si, envolvendo-se nesta relação com outras pessoas e consigo mesma.

Observo a importância da dança para a sensibilidade da criança, a partir de que a dança articula uma relação próxima entre homem e natureza. O tamanho, o ritmo e o movimento de objetos e do ser humano são regidos pelos mesmos fatores físicos, assim como: espaço tempo, peso e fluência. “Ao viver esses fatores, a criança reconhecerá o seu potencial físico-mental e estará mais sensível ao mundo que a envolve” (Porcher *apud* Marques 1999a , p.56).

A dança se propõe a criar na criança uma consciência exigente e ativa em relação ao meio ambiente e à qualidade de vida cotidiana. Nesse âmbito, Viana (1990, p. 60), registra que “a criança é um ser muito sensível, um ser humano em formação, portanto é um ser que necessita de cuidados e esses cuidados devem ser aplicados, principalmente, na sala de aula, aconselhando o professor a incentivar “a curiosidade, as perguntas, o interesse pelas aulas, responder as dúvidas, ter cuidado com o tom de voz, explicar, explicar sempre”.

O autor critica aqueles que entendem que, entrar em sala de aula, significa deixar os problemas fora da mesma. Concordo fundamentalmente com ele, pois acredito que seja impossível deixar lá fora as angústias, tensões, visto que fazem parte do corpo, dos gestos, para poder aprender, independente de ser criança ou adulto.

Alerta ainda que é preciso desestruturar o corpo, afirmando ser necessário que a pessoa descubra a existência de seu corpo, ou seja, que atualmente a mídia quer que seja de um determinado modelo; deve-se criar o próprio código pessoal, não repetindo para sempre aquele código que lhe foi dado ao nascer.

## REFERÊNCIAS

HOUAISS, A.; Villar, M. de S. **Dicionário Houaiss da Língua Portuguesa**. Rio de Janeiro: Objetiva, 2001

MELO, José Pereira. **Desenvolvimento da consciência corporal: uma experiência da educação física na idade pré-escolar**. São Paulo. Ed. da UNICAMP, 1997a.

MELO, José Pereira. Do esquema corporal à corporeidade: as influências dos paradigmas na educação física escolar. In: V ENCONTRO DE HISTÓRIA DO ESPORTE, LAZER E EDUCAÇÃO FÍSICA, 1997, Maceió/AL. **Coletânea ...Ijuí/RS** : Unijuí, 1997b. v. I. p. 528-534..

MARQUES, Isabel. **Ensino da dança hoje: textos e contextos**. São Paulo: Cortez, 1999a.

MARQUES, Mariana Garcia. **O “desabrochar” do corpo: a avaliação diagnóstica no desenvolvimento da consciência corporal no processo de ensino-aprendizagem da dança na infância**. 2004. 168 fl. Dissertação (Mestrado em Artes Cênicas) – Curso de Pós-Graduação em Artes Cênicas, UFBA, 2004

PIAGET, Jean. **Sobre a Pedagogia**. Traduzido por Claudia Berliner. São Paulo: Casa do Psicólogo, 1988.

LÊ BOULCH, Jean. **O desenvolvimento psicomotor: do nascimento aos 6 anos de idade**. Traduzido por Ana Guardiola Brozolar. Porto Alegre. Artes Médicas, 1982.

LÊ BOULCH, Jean. **A educação pelo movimento: a psicocinética na idade escolar**. Porto Alegre. Artes Médicas, 1983.

VIANA, Cláudio. **A dança**. São Paulo: Siciliano, 1990.

### Notas:

---

<sup>1</sup> Texto baseado na Dissertação de Mestrado de Mariana Marques (MARQUES, 2004).